

## Há um acontecimento de corpo<sup>1</sup>

*Ram Avraham Mandil*

Para uma discussão sobre a lógica do tratamento a partir do Seminário *...ou pior*, de Jacques Lacan, gostaria de trazer um aspecto da minha experiência como analisante que diz respeito à relação com o trauma e com o acontecimento de corpo.

Vou tomar como referência o modo pelo qual Jacques-Alain Miller vem procurando formalizar a experiência traumática a partir do discurso analítico<sup>2</sup>. Ou seja, a perspectiva de considerar o encontro traumático como resultado do encontro, do choque, entre *la língua*, o significante operando fora do sentido, e o corpo, produzindo como resultado um acontecimento de corpo. Este acontecimento de corpo está associado a um gozo experimentado como desviante em relação a um suposto gozo natural do corpo.

Podemos entender o caráter desviante, 'perverso', do gozo assim produzido como um gozo que é experimentado como estando aquém, ou então como estando em excesso em relação a um suposto gozo 'natural'. Trata-se de um acontecimento produzido por um encontro que não responde a nenhuma lei prévia, impossível de ser abolido, um gozo silencioso e fixado de uma vez por todas, que não cessa e que também não tem por que, mas que se reitera. Miller irá referir-se à esta reiteração como "a reiteração do mesmo Um".

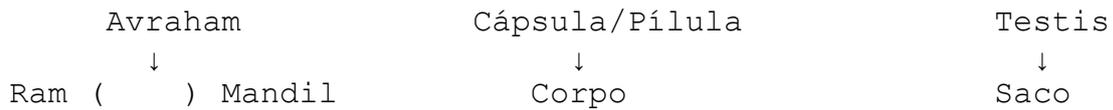
À luz dessa perspectiva do trauma e do acontecimento de corpo, gostaria de apresentar aqui a hipótese de que pelo menos três temas em torno dos quais foi construída minha experiência de análise podem ser considerados como três versões, três distintas roupagens para um mesmo acontecimento que se reitera por sob esses disfarces.

Refiro-me aqui à minha relação com o nome Avraham, à cena diante da pílula ou da cápsula a ser engolida, e ao evento da cirurgia para a criptorquidia.

Com relação ao nome Avraham, relembro que este meu nome do meio, do qual só tomei conhecimento por volta dos 12 anos de idade, em função de um desacordo entre meus pais, foi algo que procurei fazer desaparecer do meu nome próprio, usando estratégias diversas. Em análise, pude me dar conta que a recusa deste nome estava associada a um gozo do sacrifício. Por meio de uma identificação aos personagens bíblicos do Sacrifício de Abraão, me via enredado na provação do pai, Abraão, que não hesita em sacrificar seu filho em nome da fé num deus obscuro, mas também me via identificado ao filho, Isaac, como aquele que deveria ser sacrificado em nome dessa fé. O enredamento aqui se apoiava sobre uma forma linguística, já que meu primeiro nome, Ram, significa, em inglês, carneiro, aquele que finalmente foi tomado em holocausto na cena bíblica.

A cena diante do medicamento, na forma de pílula ou de cápsula a ser engolida, remete a passagens vividas com certo horror na infância e adolescência. Quando eu ficava doente, meu pai, pediatra, procurava me medicar com remédios na forma de pílulas ou drágeas. Eu simplesmente não conseguia engolir o remédio nesta forma, o que aumentava a cólera de meu pai e me atirava num estado que variava de uma espécie de *fading*, até um estado de horror, de gozo insuportável.

Com relação à cirurgia para a criptorquidia - cirurgia ao qual fui submetido aos 8 anos para a recolocação de um testículo no saco escrotal - posso dizer que ela foi vivida com todas as características de um trauma: a impressão de que algo mortífero havia tocado meu corpo, a ideia de que ela não teria sido bem sucedida e que portanto deveria ser repetida e que isso poderia finalmente ter um destino trágico.



Diria que essas passagens - a relação entre o nome Avraham e meu nome próprio, a dificuldade em ingerir uma drágea ou pílula, e a cirurgia para o deslocamento do testículo para o interior do saco escrotal - indicam, todas elas, a necessidade de introduzir um elemento no interior de outro. Diria ainda que elas seriam minhas versões do choque do significante com o corpo. Nessas três situações, algo deveria ser introduzido, como um forçamento, seja no meu nome próprio, seja no meu corpo.

Apesar do caráter contingente que produziu cada um desses acontecimentos, o enredamento fantasmático dá, a cada um deles, o caráter de necessidade, do que não cessa de se escrever.

A recusa em deixar o nome Avraham entrar em meu nome próprio, de engolir a cápsula, de imaginar que o testículo não estava no lugar, e que, portanto, a cirurgia deveria ser repetida, realimenta o circuito pulsional, produzindo uma angústia a partir da invenção de um Outro cruel que insiste fazer *isso* entrar em meu corpo.

Um dos efeitos desses encontros, a meu ver, do que aí se produz, é experimentado como uma inconsistência ou como um vazio, como versões do significante da falta no Outro [S(~~A~~)]. Constato que, na minha experiência, esse vazio é vivido sob a forma de um horror. As versões do trauma indicam que esse vazio não pode permanecer como tal, que ele deverá ser preenchido, muitas vezes pela mão de um Outro cruel - assim inventado - e que insiste em fazê-lo. Constato também, em análise, que procuro tamponar esse vazio com a minha instalação em seu lugar. Não há um vazio em meu corpo, eu mesmo o habito, na forma do clandestino.

Não há um vazio, ou um furo a ser preenchido, uma vez que meu olhar aí se localiza, e é daí que avisto o mundo.

Uma intervenção do analista, num momento propício da análise, ao apontar para a minha mochila e dizer: "eis a mochila (em francês, *sac à dos*) do clandestino, sempre pesada", produz um impacto sobre a defesa que aí havia sido erguida, fazendo-a vacilar.

Mais fundamentalmente, o que se produz é uma mudança de estatuto desse vazio e de minha relação com ele. Dou-me conta de que esse vazio não é algo a ser preenchido e que, todas as vezes que eu procurava preenchê-lo, eu encontrava o pior.

De que ordem é esse vazio? Levanto a hipótese de que ele é produto do encontro do significante com o corpo, de que esse vazio pode ser considerado como componente do acontecimento de corpo. E ele só pode ser contado como Um, na medida em que é contornado, envelopado por uma borda (o saco, o corpo ou mesmo o nome próprio).

Recorro aqui a uma citação de Lacan, em *...ou pior*: "Se vocês querem uma imagem, eu representaria a fundamentação do Há-um como um saco. Só pode haver Um na imagem de um saco, que é um saco furado. Nada é Um que não saia do saco, ou que não entre nele. É essa a fundamentação original do Um, a ser captada intuitivamente"<sup>3</sup>.

Esta afirmação está apoiada na diferença entre o vazio como elemento e o vazio como subconjunto, tal como Lacan o apresenta neste Seminário. Miller já chamara a atenção para a diferença entre a *teoria dos conjuntos* e a *teoria das classes*, na medida que a teoria dos conjuntos permite o manejo e agrupamento de elementos sem que seus predicados estejam concernidos. Na perspectiva da teoria dos conjuntos é apenas como subconjunto, como parte, que o vazio pode ser contado como Um: é só dessa forma - como subconjunto de um conjunto - que se pode dizer que ele existe. Na teoria dos conjuntos o vazio como elemento (como *singleton*) não é

enumerável, ou melhor, ele é impossível de enumerar, por não repousar sobre uma equivalência, aquela que permite dizer que um elemento de um conjunto equivale a outro; pela teoria dos conjuntos, o vazio só é possível de ser contado como Um a partir do momento em que é considerado como subconjunto, ou como parte, por exemplo, do conjunto de todos os conjuntos que só tem um elemento.

Nesse sentido, a partir destas passagens de minha experiência, diria que o acontecimento de corpo toma a forma do vazio e do saco (de "um saco furado"), que poderia se escrever com o símbolo  $\{\emptyset\}$  - símbolo do conjunto vazio, do vazio como subconjunto -, traço, marca, letra, ou ainda como  $S_1$  referido a esse gozo produzido pelo choque entre a língua e o corpo.

No que diz respeito ao gozo que aí se produz, podemos acompanhar as duas vertentes de um acontecimento de corpo: de um lado, um efeito de mortificação. Diria, no meu caso, que essa mortificação se expressa pelos diversos modos de defesa contra o gozo que aí se inscreveu, inclusive pelas tentativas de fechar os orifícios produzidos pelo choque pulsional. Por outro lado, haveria também o vazio como "carne palpitante", como o que vivifica, como o que permite conferir uma leveza e uma plasticidade ao saco, ao corpo. Desse modo, me permito formalizar o acontecimento de corpo assim:

Gozo  $\langle \rangle$   $\{\emptyset\}$ .

Uma tradução dessa escrita poderia ser:

real  $\langle \rangle$   $S_1$ .

Já os semblantes da fantasia e do sintoma que procuram erguer uma defesa diante desse real, conferindo-lhe um porque, revestindo-o com uma elucubração de saber, poderiam ser escritos na forma de um  $S_2$ :

(real  $\langle \rangle$   $S_1$  )  $\langle \rangle$   $S_2$

Esse  $S_2$ , em minha história, eu o resumo numa frase: "há um vazio em seu corpo e ele deve ser preenchido".

---

<sup>1</sup> Depoimento apresentado no Seminário Internacional da EBP intitulado *Haun*, realizado em Buenos Aires em 21 de novembro de 2013, ao redor das questões trabalhadas por Lacan em *O seminário, livro 19: ...ou pior*.

<sup>2</sup> Refiro-me aqui, em especial, ao que Jacques-Alain Miller expõe em "Lacan com Joyce", em "Ler um sintoma", no argumento para o Congresso da AMP "O real no século XXI", e na "Conclusão ao Pipol V". Ver: MILLER, J.-A. (1998). "Lacan avec Joyce: le séminaire de la section clinique de Barcelone". In: *Revue de la Cause freudienne*, n. 38. Paris: Navarin Éditeur; IDEM. (2011). "Ler um sintoma". *Blog da AMP*. Disponível em: <<http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>>; IDEM. (2012). "O real no século XXI". Disponível em: <<http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2493&intIdiomaArticulo=9#notas>>; IDEM. (2011). "Falar com o corpo. Conclusão ao Pipol V". Disponível em: <<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V-Jacques-Alain-Miller.html>>.

<sup>3</sup> LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 141.